

O método fenomenológico e a mística

ELTON MOREIRA QUADROS*

Resumo

Apresentar a viabilidade do método fenomenológico na investigação da mística constitui o foco central deste artigo. Poderíamos definir a fenomenologia como a ciência que estuda o fenômeno ou aquilo que se mostra à consciência. Com isso, a busca pela essência, pelo significado daquilo que se mostra, não está ligado somente ao mundo físico, mas, também, aos sentimentos, às situações e ao que é abstrato. Por isso, o percurso da fenomenologia: descrição das essências que se apresentam à consciência, a redução eidética e o interesse pelas vivências possibilitam uma investigação sobre o sagrado e, especialmente, sobre a mística. Dentro dessa perspectiva, Edith Stein aponta a convergência existente entre o método fenomenológico e os estudos sobre a mística

Palavras-chave: Fenomenologia; método; mística.

Abstract

The main purpose of this article is to present the viability of the phenomenological method in the investigation of the mystique. Phenomenology can be defined as the science that studies the phenomenon or present to consciousness. Therewith the search for essence, for the meaning of present, is not connected only to the physical world, but also to sentiments, to situations and to what is abstract. For this reason, this is the course of phenomenology: the description of the essences that are presented to consciousness, the eidetic reduction and the interest by the experiences enable an investigation on the sacred and especially on the mystique. Within this perspective, Edith Stein points the confluence of the phenomenological method and the studies about mystique.

Key words: Phenomenology; method; mystique.



* **ELTON MOREIRA QUADROS** é Professor de Filosofia.

Introdução

A experiência mística apresenta-se, contemporaneamente, ao entendimento corriqueiro, como uma sequência de súplicas que espera a resposta benevolente do céu, como uma relação de troca de favores, ou uma intervenção vertical da graça divina na vida do sujeito místico. Outro tipo de crença vê a experiência mística como um evento espetaculoso, rumoroso, sentimentalista e produzido somente pelo desejo daqueles que realizam tal experiência.

Henrique de Lima Vaz realiza, no livro *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, um profundo mapeamento do que seja a mística e as três formas como essa aparece na tradição do ocidente.

A primeira é a mística especulativa, uma forma de mística que nasce na filosofia e têm a reflexão como o caminho para a união mística. A segunda é a mística mistérica que se dá de maneira comunitária, primeiramente, por conta de seu caráter ritual, quer através das celebrações litúrgicas, quer através de rituais de purificação. Por fim, a terceira forma, a mística profética, nascida no contexto cristão e que relaciona as duas anteriores, estando, portanto, perpassada pela reflexão dos textos sagrados e pelos ritos próprios do cristianismo.

Os estudos sobre a mística e o sagrado de um modo geral, ainda enfrentam uma séria dificuldade dentro do ambiente acadêmico, pelo fato de a sua investigação não passar pelos esquemas empíricos ou mesmo por um racionalismo aos moldes modernos.

A fenomenologia, surgida no início do século XX, apresenta-se como um método especialmente adequado para a interrogação sobre o sagrado, apartando-se de cair numa das reduções

do pensamento moderno (empirismo-racionalismo) e, ao mesmo tempo, mantendo um caráter rigoroso na investigação.

Outro fator que merece destaque está no fato de que, a maioria do primeiro grupo de fenomenólogos, em algum momento da trajetória de suas vidas, se converteu a uma religião, geralmente, seguindo o percurso judaísmo-protestantismo, judaísmo-catolicismo, ou mesmo, judaísmo-protestantismo-catolicismo. O que nos leva a crer que a questão religiosa era algo que ocupava um espaço importante na vida desses homens e mulheres no início do século XX.

No final do século XX, começos do XXI, esse interesse é retomado por uma nova geração de fenomenólogos, mas, dessa vez, há um alargamento dos temas que serão abordados a partir dessa perspectiva (filosofia da religião, práticas religiosas diversas etc.) e que, encontrará, numa análise eminentemente filosófica, uma reflexão sobre a mística a partir do pensamento de Edith Stein.

Quais os motivos que tornam a fenomenologia tão interessada na mística? Neste artigo, pretendemos refletir sobre a mística e o método fenomenológico, ou melhor, quais as características da fenomenologia que a torna adequada, enquanto método, para pensar o sagrado e, especialmente, investigar a mística.

Fenomenologia, religião e Edith Stein

O fundador da fenomenologia, Edmund Husserl (1859-1938) intencionou desenvolver um método que trouxesse à filosofia um caráter rigoroso, uma reflexão que parte da experiência vívida, mas, que não perde o caráter sistemático.

Poderíamos definir fenomenologia como a ciência que estuda o fenômeno ou aquilo que se mostra e se mostra a nós (à consciência). Uma vez que nós humanos somos aqueles que buscam o sentido daquilo que se mostra, o seu significado. Não estamos ligados somente ao mundo físico, uma vez que também percebemos as “coisas” abstratas e os próprios acontecimentos que podem envolver coisas materiais, abstratas, sentimentos, fatos que transcendem o mundo físico

Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, que conseguimos compreender o sentido. Entretanto, o fato de se mostrarem não nos interessa tanto, mas, sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido. O grande problema da filosofia é buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso etc., que se mostram a nós.

Então, para compreender o sentido, nós devemos fazer uma série de operações, pois nem sempre compreendemos tudo imediatamente, que consiste em identificar o sentido, os fenômenos, de tudo aquilo que se manifesta a nós (BELLO, 2006, p. 19).

Husserl acredita na capacidade humana de encontrar o sentido das coisas, mas, com matizes diferentes, ou seja, algumas coisas encontramos o sentido imediatamente e com outras já não acontece o mesmo. Segundo Husserl, possuímos uma intuição (intelectual) que nos permite captar a essência das coisas quando captamos o seu sentido, por exemplo, um som, um sentimento, uma ideia. Em alguma medida, a fenomenologia não busca saber se o que se apresenta é uma realidade ou uma aparência, o que se mostra à consciência já é um dado em si, uma vez que o que

importa é saber o sentido, captar a *essência* do que aparece.

No início do século XX, o método que predominava nos estudos sobre as religiões, era o das Religiões Comparadas. Esse método consistia em encontrar os elementos comuns entre as diversas religiões, compará-los e, descobrir assim, uma unidade transcendental e/ou ritualística entre as variadas crenças, caracterizando-se por uma preocupação eminentemente histórica e antropológica.

Outra característica dos métodos utilizados para a investigação da experiência religiosa, nesta época, estava no caráter marcadamente racionalista que, por vezes, indicava um tratamento abstrato ou que não levava em consideração aquilo que estava distante de uma pesquisa eminentemente experimental.

Ora, a fenomenologia irá se contrapor a uma espécie de “absolutização da razão” que acompanhava o pensamento filosófico predominantemente a partir da modernidade filosófica. No entanto, há no pensamento de Husserl “uma separação rigorosa entre filosofia e religião (...) – Husserl opina que a filosofia deve ser considerada um caminho ateu da pesquisa” (BELLO, 2000, 208). Portanto, é necessário separar os dois caminhos na investigação teórica.

Mesmo com essa separação e como já aludido, os fenomenólogos nunca tiveram uma postura hostil à religião, nem em âmbito pessoal e nem no debate teórico.

Edith Stein, a principal assistente de Husserl, judia de nascimento, ateu na juventude, convertida ao catolicismo na idade adulta, monja carmelita descalça e, após o seu assassinato num campo de concentração nazista, aclamada como

santa pelo Papa João Paulo II em outubro de 1998; será uma das principais referências nos estudos sobre a mística de uma perspectiva fenomenológica.

A sua conversão ao cristianismo lançou E. Stein em uma compreensão do caminho fenomenológico perpassado pelo pensamento medieval, sobretudo de Tomás de Aquino que irá guiar o pensamento de E. Stein notadamente na sua concepção de Deus, a qual apresenta um Deus que é sensível ao destino do homem e que tem para com esse um amor paterno e infinito.

A visão de Deus de Santo Tomás influencia, por sua vez, a própria visão de homem de E. Stein, uma vez que esse é compreendido numa totalidade, em que alma, corpo, inteligência, vontade e espírito constituem uma integridade, uma unidade reveladora da grandeza humana, haja vista que o que o define é ser pessoa e, conseqüentemente, um ser livre. Para Tomás de Aquino, como nos lembra Battista Mondin numa palestra proferida na Universidade do Sagrado Coração de Jesus em 1998: “o homem é um ser existente na ordem do espírito (*subsistens rationale vel intellectuale*). É um núcleo ontológico espiritual (encarnado no corpo), fonte de energias espirituais, capaz de escolher um projeto próprio de humanidade e dirigi-lo por si mesmo” (MONDIN, 1998, p. 32). A partir dessas concepções sobre Deus e o homem herdadas de Tomás de Aquino, E. Stein desenvolverá uma filosofia que não tem medo de assumir-se cristã.

Para E. Stein, a abertura da filosofia aos conteúdos da fé consiste numa atitude racional, uma vez que possibilita ao saber filosófico realizar uma autorreflexão sobre as suas características e diferenças com a

teologia e, ainda mais importante, como a autora se coloca no campo daqueles que pretendem através da filosofia chegar ao conhecimento da verdade, a fé se torna mais um instrumento para a consecução desse objetivo, principalmente, por abrir o pensamento à investigação do transcendente, do transcendental.

Desse modo, E. Stein mantém o método fenomenológico como um procedimento que possibilita a descrição das realidades que se mostram à consciência e, portanto, quando descritas permitem o conhecimento e reflexão sobre a questão da intersubjetividade, por um lado, e por outro, possibilitam também a abertura para a investigação das experiências religiosas e culturais diversas que são analisadas pelo fio da redução fenomenológica.

A *epoché* constitui o momento inicial da redução em que a atitude natural e as vivências são suspensas, todo pressuposto, inclusive os científicos e filosóficos são radicalmente colocados de lado, abrindo assim, a possibilidade da consciência entrar em contato direto com o objeto (coisa ou fato) que lhe aparece, daí, conhecermos as “coisas mesmas”.

No geral, as ciências em algum tempo, tinham a pretensão de realizar as suas análises de forma “pura”, isto é, existia a ideia de que todo ato científico era um ato neutro. Com o desenvolvimento do pensamento científico, ficou evidente a impossibilidade de o cientista agir sem pressupostos, ideologias e até preconceito em seu fazer científico. A fenomenologia não desconsidera a todo esse conjunto de pressupostos, mas, por se tratar de um método descritivo, prescreve no seu procedimento o exercício de suspensão do juízo na *epoché* que possibilita ao fenomenólogo

ter “acesso direto ao mundo vivido pela consciência que flui do seu próprio interior”, ou seja, a descrição feita está em relação ao que foi realmente percebido pela consciência e não as pressuposições anteriores que o sujeito tem sobre o objeto, “a ‘meditação fenomenológica’ consiste no próprio método de investigação pelo qual o ‘eu meditante’ do filósofo se detém no conjunto de problemas puramente transcendentais e busca resolvê-los a partir da análise da própria consciência e do mundo constituído nela” (ZITKOSKI, 1994, p. 14).

Esse caráter de abertura a toda experiência como uma possibilidade de encontrar aí uma essência, um sentido, um significado, possibilita ao método fenomenológico a investigação de qualquer fenômeno cultural e, ao mesmo tempo, tem na redução fenomenológica (“suspensão dos juízos”) uma salvaguarda de cientificidade, uma vez que essa vem com a “única finalidade de evitar uma aceitação a-crítica, de maneira que, ao abordarmos a questão da experiência religiosa, precisamos estar totalmente cientes da realidade que estamos avaliando: o mesmo valendo também a respeito da teologia ou da especulação do passado” (BELLO, 2000, 231).

Fenomenologia e mística

Realizado esse procedimento de uma busca pela verdade através da filosofia, via método fenomenológico, Edith Stein se depara, efetivamente, com um saber que, para ela, ultrapassa as possibilidades da filosofia, agora esse saber têm como partida o caminho do mistério e o próprio encontro com o divino.

Mas, seria a mística um conhecimento rigoroso como pretendia a

fenomenologia husserliana? Em alguma medida, o próprio Husserl considerava o conhecimento místico e mítico algo arbitrário (BELLO, 2000, 234), como duas de suas discípulas mais próximas, como Gertha Walther e Edith Stein refletirão sobre e a partir da mística?

A questão principal a destacar, no pensamento de Edith Stein sobre a mística está no fato de que ela considera a mística uma realidade, um tipo específico de experiência que se dá no sujeito místico que relata, através dos livros, um “testemunho” dessa vivência. Configurando, assim, um terreno propício para o tipo de investigação proposta pela fenomenologia. Por isso, ao buscar compreender esse fenômeno excepcional, a filósofa alemã se deterá na análise da obra de dois grandes místicos, Santa Teresa de Ávila e, especialmente, São João da Cruz.

Ao analisar a obra de São João da Cruz, no livro, *A ciência da cruz*, E. Stein chega a considerar o conhecimento místico, mais privilegiado que a fé e qualquer investigação intelectual, uma vez que o relato do místico pretende revelar um encontro com o divino, um encontro que parte como alude São João da Cruz, em grande medida, do desejo desse próprio divino em encontrar o homem. Analisar esse relato, como uma “produção” de conhecimento que se dá na consciência (fenomenologicamente compreendida) consiste na tarefa do fenomenólogo, tarefa que parte da análise de “uma pluralidade de experiências, de atos, de vivências, entre as quais o pensar” (MANGANARO, 2004, 09).

Ao analisar a “noite escura” apresentada por São João da Cruz, E. Stein nos remete para a grande noite vivida por Cristo

Nenhum coração humano passou por noite tão escura quanto o do

Homem-Deus no Getsêmani e no Gólgota. A nenhum espírito humano é dado penetrar o mistério insondável do abandono, por Deus, do Deus-Homem agonizante. Jesus, porém, pode fazer com que almas escolhidas experimentem algo dessa extrema amargura. É de seus amigos mais fiéis que espera a derradeira prova de amor. Se, ao invés de recuarem apavorados, eles a aceitarem de bom grado, deixando-se conduzir através da noite escura, como recompensa terão como guia o próprio Cristo (STEIN, 1988, p. 32)

Encontramos aqui, a questão central da experiência mística, o abandono em Deus, a aceitação resignada da Cruz que é vivida na noite escura, nos sofrimentos e, especialmente, na companhia amorosa do próprio Cristo, o Divino Amado nas palavras de São João da Cruz. Algo também importante a destacar, está no fato de que Cristo, para o místico, nunca é uma abstração, ao contrário, constitui uma vivência, uma presença amorosamente vivenciada.

A contemplação mística, portanto, necessita que a alma atravesse a noite escura que se sinta tocada por Deus, uma vez que Ele é uma presença que existe anteriormente, desde sempre e que comunica à alma o seu amor, mas, ainda assim, permanece envolto no mistério

Esse toque leva-a a desprender-se de todas as coisas criadas (pois ela se esvazia e é unificada em si mesma, num conhecimento celestial, sem o obstáculo idolátrico da multiplicidade) e, por conseguinte, mergulhar numa relação de amor que, no entanto, ainda desconhece o Amado. Essa relação sem possibilidade de compreensão aumenta a gratuidade do amor, confirmando a entrega que a alma faz de si mesma pela

vontade, quando aceita aventurar-se nas trevas da fé. Ela ama porque experimenta, sem ter, contudo, um conhecimento claro do objeto de seu amor” (FILHO, 2000, p. 21).

Esse mergulho em Deus, no próprio amor, será visto como uma experiência plena de significado para o sujeito místico que, conseguirá pouco a pouco, relatar as suas vivências com as dificuldades próprias desse tipo de experiência que atinge o inefável. Entretanto, mesmo que essa seja uma vivência perpassada pelo mistério, há aí também, o encontro do sentido.

Dentro dessa perspectiva, a mística e a fenomenologia encontram no sujeito o campo de sua investigação que irá, através do relato místico, desenvolver a busca pela essência dessa vivência

É óbvio que o lugar privilegiado para a investigação sobre a mística é o sujeito místico, aquele que pessoalmente vive – e depois expressa e descreve – essa experiência peculiar de um contato com algo que tem sido chamado de o Sagrado, o Numinoso, o Transcendente, o Divino, o Absoluto, o Totalmente Outro. Determinando o significado mais rico e profundo da existência humana, essa vivência se configura como evento pessoal. (MANGANARO, 2004, 09).

A experiência mística intenciona comunicar a experiência da Verdade vivenciada pelo sujeito. E a fenomenologia pretende investigar as vivências dos sujeitos que se apresentam à consciência. O método fenomenológico consiste num caminho interessante para realizar, de maneira rigorosa e sistemática, uma abordagem do sagrado e da própria mística.

Considerações finais

A mística, nas suas mais variadas manifestações, sempre causou escândalo, uma vez que, ao estar no campo do mistério, pareceu ser uma manifestação somente do irracional e, por isso, permaneceu praticamente circunscrita aos ambientes religiosos. Mas, ainda assim, sofreu, mesmo no contexto das religiões, constantes perseguições, desconfianças e não raro esteve no ostracismo.

Com a modernidade e todo o ideal racionalista e cientificista desse período da história do ocidente, houve uma ainda maior desconfiança com a mística e, com isso, os estudos sobre a mística e, mesmo sobre as religiões, na primeira metade do século XX ficaram praticamente circunscritos às pesquisas empíricas.

Nesse contexto, pouco a pouco, a fenomenologia apresentou-se como uma possibilidade alternativa de investigação dos fenômenos religiosos e da mística.

Ademais, o método fenomenológico visa resgatar o caráter de cientificidade aos estudos místicos, uma vez que também centra, na pessoa, a sua investigação.

Essa convergência de foco possibilita uma importante relação de complementaridade e recoloca a mística como um caminho de conhecimento, e nesse sentido, a metafísica da interioridade de Agostinho já apontava para uma distinção entre a verdade conhecida através da especulação (ou modernamente, poderíamos dizer também da ciência) e uma verdade experimentada “concretamente” pelo sujeito, assim, como nos revela Gadamer precisamos distinguir as possibilidades de existência da verdade que estão para além do método (das ciências positivas).

Isto significa dizer que, o método fenomenológico e a mística poderão encontrar ainda muitas possibilidades de inter-relação revelando novidades tanto no campo filosófico quanto no terreno propriamente religioso.

Referências

- AGOSTINHO. **Confissões e de magistro**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores)
- BELLO, Angela Ales. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- _____. **A fenomenologia do ser humano**. Bauru, SP: Edusc, 2000.
- FILHO, Juvenal Savian. **O toque do inefável**. Bauru, SP: Edusc, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MANGANARO, Patrícia. “Alteridade, filosofia, mística: entre fenomenologia e epistemologia”. In: **Memorandum**, 6, 3-24. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/manganaro01.htm>. Acesso em: 2 jan. 2010.
- MONDIN, Battista. **O humanismo filosófico de Tomás de Aquino**. Bauru, SP: Edusc, 1998.
- STEIN, Edith. **A ciência da cruz: estudos sobre São João da Cruz**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- VAZ, H. C. de L. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.
- ZITKOSKI, Jaime José. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

*Recebido em 2013-03-07
Publicado em 2013-10-06*